

A lenda do Eldorado: transformações do mito doradista na cartografia da América do Sul

Bruno Stori*

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.
v11i1p49-81

Resumo: articulando um complexo repertório maravilhoso que emprestava elementos das mirabilia medievais, o imaginário europeu sobre o Novo Mundo e relatos indígenas, a lenda do Eldorado foi um importante fator de mobilização para a conquista, exploração e colonização da América do Sul desde meados do século XVI. A cidade dourada figurou nos mapas europeus da Amazônia e da Guiana até meados do século XIX como fruto da influência do maravilhoso na mentalidade europeia, transformando-se ao longo da modernidade conforme novas formas de pensamento surgiam. Tendo em vista as considerações de John Brian Harley e Matthew Edney sobre a história da cartografia crítica e o conceito de “cartografia especulativa” trabalhado por Felipe Fernández-Armesto, pretendemos analisar um conjunto de mapas europeus da América do Sul produzidos entre os séculos XVI e XIX e que figuram o Eldorado para identificar possíveis mudanças, permanências e remodelações do mito neste período. Defendemos a hipótese de que o desenvolvimento do empirismo e do cientificismo não resultou no apagamento do Eldorado no imaginário, mas gerou novas explicações para a lenda que foram retratadas nos mapas, perpetuando as especulações sobre regiões da Amazônia pouco conhecidas pelos europeus.

Palavras-chave: cartografia da América do Sul; Eldorado; maravilhoso.

*Graduado em História – Licenciatura com Bacharelado pela Universidade Federal do Paraná (2021). Contato: brunosto14@gmail.com. Agradeço à Prof.^a Dr.^a Andréa Doré pelo auxílio no desenvolvimento da pesquisa de iniciação científica da qual este artigo é resultado.

* Este artigo é fruto dos resultados de pesquisa obtidos através de dois anos de dedicação ao Programa Unificado de Bolsas (PUB-USP) sob orientação do professor Dr. José Geraldo Vinci de Moraes. Agradeço ao Zé por todo o apoio, conversas, reflexões e indagações que tornaram este trabalho possível.

Introdução

A conquista e exploração do continente americano pelos europeus, empreendidas a partir do século XVI, deram o pontapé para o surgimento de uma série de narrativas sobre as novas terras e seus habitantes. Descrições da natureza, flora, fauna e das sociedades nativas eram carregadas de maravilhamento e deslumbramento dos europeus frente a territórios e realidades até então desconhecidas pelos europeus.

O maravilhoso é um conceito chave para entender a produção de tais discursos sobre a América, sendo definido por Stephen Greenblatt como a “figura central da resposta inicial dos europeus ao Novo Mundo, a decisiva experiência emocional e intelectual em presença da diferença radical” (GREENBLATT, 1996, p. 31). Unindo elementos de fábulas oriundas das tradições medievais e a experiência de conquistadores e colonizadores nas novas terras, o maravilhoso do Novo Mundo consistiu em um importante fator mobilizador para exploradores na busca por lendas em regiões do continente ainda não conhecidas pelos europeus, como os gigantes patagões, o Paraíso Terrestre, as guerreiras amazonas, entre outros mitos.

As descrições dos europeus sobre a geografia do Novo Mundo também contribuíram para o desenvolvimento do maravilhoso do continente americano. Grandes rios, como o Amazonas e o Prata, chamavam a atenção pelo tamanho e pelo potencial como caminho de entrada para o interior pouco explorado dos territórios, e sobre eles os europeus articularam um quadro mitológico que emprestava signos das *mirabilias* medievais – que, por sua vez, já estabeleciam atributos maravilhosos aos cursos d’água, como a abundância em ouro e prata (GOMES, 2001, p. 58). Outro exemplo dessa geografia mítica era a associação entre riquezas e as cadeias de

montanhas, que, desde o medievo, também eram entendidas como espaço de atos heroicos e como limites entre o conhecido e o incógnito (DORÉ, 2020, pp. 175-176).

Percebe-se, ainda, como a atração exercida pelos metais e pedras preciosas ocupou um papel importante na construção desse imaginário. O fascínio pelos minerais preciosos fundamentou a esperança dos europeus em encontrar grandes riquezas a serem conquistadas. Seja pelas perspectivas de enriquecimento rápido, seja pelo simbolismo da própria viagem em busca de tesouros, a visão de grandes quantidades de riquezas motivou expedições como as de Hernán Cortés e Francisco Pizarro, que resultaram na conquista dos impérios asteca e inca, bem como em expedições em busca de localidades míticas que guardariam outras maravilhas.

Tal interesse por riquezas minerais não surgiu na primeira modernidade. A tradição do velocino de ouro, originária dos clássicos – que conta a jornada dos argonautas na busca do velo dourado –, e os relatos medievais de Marco Polo, John de Mandeville e outros que descrevem os portentos e maravilhas do Oriente, são exemplos de como imagens de terras fabulosas e miríficas estiveram presentes na mentalidade europeia muito antes do achamento da América. Com a exploração e colonização do Novo Mundo, este repertório imagético foi transportado para as novas terras, que tornaram-se o *locus* dos tesouros e localidades míticas. Esse aspecto do maravilhoso é um exemplo da “americanização” do imaginário europeu, processo em que elementos antigos e novos, vindos tanto das tradições clássicas e medievais, quanto da experiência de conquista dos impérios asteca e inca, constroem uma *vocação* para a América, voltada para a abundância de minerais preciosos (DORÉ, 2020, p. 98).

A chamada “febre do ouro”, que mobilizou os castelhanos nos primeiros

momentos após a conquista da América, também contribuiu para o surgimento de lendas de terras auríferas que reforçaram a associação do Novo Mundo com as riquezas minerais. Após a conquista castelhana do Peru em 1532, as porções de terra a leste dos Andes tornaram-se objeto de interesse por parte dos espanhóis, que tinham expectativas de encontrar e conquistar novas províncias ricas em ouro. Como aponta Cruz Neto,

A crença na existência de províncias grandiosas na fronteira oriental, comparáveis ou, até mesmo, superiores ao que fora descoberto entre os Incas, resultará durante algum tempo na obsessão por encontrar aquilo que chegou a ser chamado de um “Novo Peru”. Essa busca foi inicialmente direcionada à “terra dos *antis*”, particularmente na região da *montaña*, situada no *pedemonte andino-amazónico*, porém, logo foi estendida para áreas mais profundas, chegando ao que hoje chamamos de Vale amazônico. A descrição dessas províncias irá, geralmente, seguir uma fórmula nas quais alguns elementos serão indispensáveis: localização em terras planas, população densa, homens vestidos e riqueza em ouro e prata (CRUZ NETO, 2014, p. 78).

Um dos exemplos de tais fabulações é o Eldorado, que assumiu diferentes versões e foi situado em diferentes regiões do continente americano, como

o Dourado de Paititi, nas regiões de Mojos e Chiquitos; o Dourado dos Césares, na Patagônia, até o estreito de Magalhães e, para o norte, na área do Chaco; o Dourado das Sete Cidades, no território do Novo México atual, e o de Quivira, a oriente das grandes planuras da América do Norte. A esses poderia juntar o Dourado do Vupabuçu e Paraupava, no Brasil, [...] (HOLANDA, 2000, p. 43).

Neste artigo, voltamo-nos para o Eldorado amazônico, que foi definido ora como um cacique, uma lagoa, uma cidade e/ou um império dourados e que motivou exploradores a organizarem expedições em busca de tais portentos numa região pouco conhecida pelos europeus. O Eldorado enraizou-se de tal forma na mentalidade europeia que chegou a figurar na cartografia da América do Sul como um espaço real, ainda que não descoberto. A presença do mito doradista nos mapas é um claro exemplo da “cartografia especulativa”, que, de acordo com Felipe Fernández-Armesto,

era fruto da fabulação dos europeus sobre terras e mares sobre os quais se tinha pouco conhecimento. Ainda que muitos dos mitos do continente americano não tenham surgido nos mapas, foi por meio deles que tais maravilhas permaneceram por um longo período de tempo no imaginário europeu, na medida em que “era típico da crescente interdependência entre cartografia e exploração que as especulações dos cartógrafos e as fantasias dos exploradores se nutrissem mutualmente” (FERNÁNDEZ-ARMESTO, 2007, p. 758).¹

Tendo isso em vista, temos o objetivo analisar a figuração do Eldorado amazônico na cartografia europeia, buscando identificar como e por que o mito apareceu nos mapas e como as mudanças de pensamento ocorridas ao longo do período moderno transformaram a crença na lenda. Nossa hipótese é de que, apesar de processos como a Revolução Científica e a Ilustração acabarem dando maior ênfase na experiência empírica e no ceticismo às fábulas, o Eldorado não deixou de existir no imaginário europeu.

Para a análise dos mapas, recorreremos aos pressupostos da história da cartografia crítica. Entendendo a cartografia não como um conjunto de representações “neutras” e “imparciais” do espaço geográfico, John Brian Harley propõe desconstruir o mapa e vê-lo a partir de suas subjetividades, considerando-o como um objeto que carrega as motivações e intenções de quem o fez (HARLEY, 2005, p. 195). Por sua vez, Matthew Edney questiona a suposta natureza autoexplicativa dos mapas e argumenta pela necessidade de desnaturalizar o documento cartográfico, fugindo do entendimento de que os mapas, através do tempo, tenham se desenvolvido de forma linear e progressiva (EDNEY, 2016, p. 211). Estas perspectivas estimulam um olhar mais

¹ No original: “It was typical of the growing interdependence of cartography and exploration that cartographer’s speculations and explorer’s fantasies nourished each other” (tradução nossa).

apurado às fontes cartográficas, que revelam não apenas o conhecimento de determinada sociedade sobre um dado território, mas também fornecem indícios para uma compreensão de como operavam as mentalidades dessa sociedade.

O mito do Eldorado e suas figurações cartográficas

Os primeiros rumores sobre terras auríferas remontam ao Peru da década de 1530, com a conquista do império inca. Após a morte do imperador Atahualpa, começaram a circular notícias de que os indígenas teriam levado o tesouro do imperador para as florestas da região de Mojos, onde a nobreza inca (chamada pelos espanhóis de *orejones*) teria instituído um novo império dourado chamado Grande Paititi. Ao longo do século XVI, tais riquezas foram buscadas pelos espanhóis a partir do Paraguai, de Cusco e de Santa Cruz de la Sierra (LEVILLIER, 1976, p. 8).

Notícias semelhantes de outros portentos surgiam nas porções ao norte do continente, onde, em 1532, o espanhol Diego de Ordaz organizou uma expedição subindo o rio Orinoco para buscar um suposto “País de Meta”, onde haveria grandes quantidades de ouro, prata e especiarias. Ordaz seria seguido por Sebastián de Benalcázar, Gonzalo Jiménez de Quesada, Nicolas de Federman e outros que, sabendo de notícias de ouro por meio de informantes indígenas, procuraram pelo metal dourado no altiplano colombiano e na região de Paria (LANGER, 1997, p. 28).

Já na década de 1540, Gonzalo Pizarro (irmão de Francisco Pizarro), ouviu em Quito rumores semelhantes sobre grandes tesouros na Amazônia, bem como sobre um cacique que costumava cobrir-se em ouro em pó para uma cerimônia religiosa numa lagoa chamada Guatavita. Atualmente, crê-se que o mítico cacique dourado possa ser derivado de notícias sobre os indígenas muisca, que habitavam a região

próxima a Guatavita, trabalhavam o artesanato com ouro e que haviam entrado em contato com Quesada no final da década de 1530 (LEVILLIER, 1976, p. 64). Pizarro organizou uma expedição em 1541 e deixou a seu subordinado Francisco de Orellana a missão de descer o rio Maragnon (Amazonas) em busca de tais riquezas.

A expedição de Orellana foi a primeira a descer o rio Amazonas, e o relato da jornada, escrito pelo frei Gaspar de Carvajal (que acompanhou Orellana) e intitulado *Descubrimiento del río de las Amazonas*, muito contribuiu para a popularização dos mitos amazônicos. No escrito do frei, o vale amazônico é descrito como um espaço edênico, com abundância de frutos, fauna e flora exuberante e com povos que usavam roupas de algodão, adornos de ouro e prata e que eram organizados em províncias. Por todo o território, haveria generosas minas auríferas e argentíferas. Carvajal também foi responsável por introduzir o mito das guerreiras Amazonas ao Novo Mundo, descrevendo-as como uma nação isolada e abundante em riquezas.²

Foi a partir desses primeiros rumores que o nome “Eldorado” surgiu e começou a circular pelo Peru, servindo para fazer referência a qualquer notícia de grandes quantidades de ouro, prata e outros tesouros que estariam situados além dos Andes. *A Historia General y Natural de las Indias*, escrita por Gonzalo Fernandez de Oviedo, é a primeira crônica que usa o termo para fazer referência a tais maravilhas.³ A partir daí, expedições continuariam sendo organizadas e o desejo dos espanhóis em encontrar a

² A crônica de Carvajal só seria publicada em 1895, contudo, trechos do texto foram incorporados na *Historia general y natural de las Indias*, de Gonzalo Fernández de Oviedo, escrita em 1542. Sobre a expedição de Orellana e Carvajal e sobre o mito das Amazonas, ver MATOS, 2012.

³ Isso contradiz o que alguns autores argumentam: que os rumores sobre o cacique dourado teriam chegado primeiro a Benalcázar, que então teria cunhado o termo “Eldorado” para referir-se ao chefe indígena de Guatavita. Na crônica de Herrera y Tordesillas, por exemplo, “Eldorado” aparece como o nome de uma *região* na qual Benalcázar acreditava haver riquezas (FERNANDES; GOMES, 2016, pp. 86-90).

suposta fonte do metal dourado cresceu, como se verifica nas expedições dos exploradores Phillip Von Hutten (1541), Pedro de Ursúa/Lope de Aguirre (1560), Antonio de Sepúlveda (1580), Antonio de Berrío (1584 e outras), Walter Raleigh (1595 e 1617), Robert Harcourt (1613), etc. Como apontam Luiz Estevam Fernandes e Wederson Gomes,

As empresas decorrentes que se dedicaram à busca de El Dorado se ancoravam nos relatos anteriores e mesmo que a província e/ou cacique dourado nunca fossem encontrados, os conquistadores não cessavam, porque os tesouros de Tenochtitlán e do Peru eram conquistas incisivas para perpetuar a crença. (FERNANDES; GOMES, 2016, p. 92).

Gradativamente, o Eldorado deixou de ser um conjunto disperso de rumores sobre caciques dourados e países cheios de riqueza para tornar-se na imagem de um grande império que seria herdeiro dos incas. Quanto mais se adentrava aos territórios ainda desconhecidos a leste dos Andes, mais o Eldorado era transferido para o interior do continente, deslocando-se do altiplano colombiano até os territórios que hoje fazem parte da Venezuela e das Guianas.

Um dos primeiros documentos a situar o mito doradista nesta região é a *Relación de Martinez*. Produzido por volta da década de 1580, o escrito consiste num relato de viagem de um suposto Johannes Martinez que teria participado da expedição de Diego de Ordaz em 1532. Em um determinado momento da jornada, Martinez teria sido expulso da expedição, sendo abandonado na floresta e resgatado pelos indígenas da Guiana, que o teriam vendido e o levado ao chamado Império do Eldorado. Chegando à capital deste império, Manoa, o europeu relata ter sido bem recebido pelo imperador, que seria descendente da antiga nobreza inca. Martinez hospedou-se em Manoa por algum tempo, até que decidiu retornar aos castelhanos, recebendo uma pequena fortuna em ouro que teria sido roubada por indígenas hostis quando o europeu viajava

pelo Orinoco (GOODMAN, 1975, p. 24).

A *Relación de Martinez* destaca-se nesse contexto por fornecer a versão do Eldorado que se sedimentou no imaginário europeu: o grande império situado na Guiana, cujas terras teriam riquezas minerais em abundância e cuja capital seria Manoa, situada nas margens de um enorme lago de água salgada. Martinez também realiza uma detalhada descrição da cidade e do palácio do imperador, sintetizada por Johnni Langer:

Segundo Johannes Martinez, a fabulosa cidade seria situada entre uma montanha de ouro, de prata e de sal. O palácio do imperador, o principal edifício da cidade, foi localizado em uma verdejante ilha com um lago. A entrada seria sustentada por magníficas colunas de pórfiro e alabastro – simetricamente alinhadas – com uma galeria ornada por bois de ébano e jóias. Dentro do palácio destaca-se uma imensa coluna de 25 pés de altura, cujo capitel superior ostenta uma imensa lua de prata. Na base dessa coluna, dois leões vivos estavam presos por correntes de ouro maciço. E ainda no centro do edifício também estava localizada uma fonte quadrangular ornada com quatro tubos de ouro e um imenso sol com quatro lâmpadas de brilho perpétuo. (LANGER, 1997, p. 31).

Acredita-se que uma versão da *Relación* possa ter chegado ao então governador da ilha de Trinidad, Antonio de Berrío, no início da década de 1580. Berrío, então, organizou expedições partindo de Trinidad e subindo o Orinoco em direção ao interior da Guiana em diferentes momentos (1584, 1586 e 1590, bem como uma outra expedição organizada por seu subordinado, Domingo de Vera, em 1593), mas, apesar dos indígenas da região terem confirmado aos espanhóis a veracidade dos rumores sobre o mítico império, nenhuma jornada atingiu seu objetivo. Isso não impediu que o *Consejo de Indias* concedesse a Berrío o título de “Governador do Eldorado” em 1595 (PORRO, 2013, s/p).

No mesmo ano, Berrío seria capturado por uma expedição inglesa que havia invadido Trinidad. A empresa britânica buscava o caminho para a cidade dourada e era

liderada pelo corsário Walter Raleigh (1552-1618), figura relevante do Parlamento inglês e da corte elisabetana da época. Até então envolvido com um projeto de colonização na América do Norte – bem como com os conflitos armados entre britânicos e espanhóis –, Raleigh teria ouvido sobre o Eldorado por meio do castelhano Pedro Sarmiento de Gamboa (então prisioneiro do corsário em Londres) e por meio de cartas espanholas apreendidas por outro navegador inglês, George Popham, que provavelmente faziam referência à mítica Manoa e às tentativas de Berrío em descobrir a rota para o Império da Guiana.

Raleigh interrogou Berrío para obter maiores informações a respeito da geografia da região e para melhor se orientar na bacia orinoquenha. Tanto pelo governador espanhol quanto pelos indígenas que encontrava pelo caminho, o corsário inglês recebia a confirmação das maravilhas da Guiana e da existência do Eldorado. Contudo, o expedicionário, assim como seus antecessores, teve de retornar sem descobrir a cidade dourada.

Em 1596, Raleigh publicou o relato de sua jornada, intitulado *The Discoverie of the Large, Rich and Beautiful Empire of Guiana, with a Relation of the Great and Golden City of Manoa* (“A descoberta do grande, rico e belo Império da Guiana, com uma relação da grandiosa e dourada cidade de Manoa”), que alcançou grande circulação e popularidade na Europa pelos elementos maravilhosos na descrição da geografia daquela região. No escrito, a associação entre o Eldorado e o Peru é reforçada:

No coração desta mata intransponível, o príncipe inca criou o Império da Guiana. A terra tem tanto ouro, que tudo indica ser mais rica do que qualquer coisa. Tem mais casas e construções do que o próprio reino do Peru tinha, quando a mineração da prata florescia. O Império da Guiana é governado pelas mesmas leis e seu povo vive em cidades semelhantes às dos incas. O imperador e seus súditos praticam a mesma religião, com as mesmas regras de conduta do antigo Império do Peru. (RALEIGH, 2002 [1596], p. 42).

A lenda do Eldorado

Tendo em vista o acima exposto, fica claro como, ao longo do século XVI, o fracasso das diferentes expedições que objetivavam encontrar o Eldorado não geravam dúvida ou descrença na lenda. O que ocorre é o contrário: desde as primeiras notícias do País de Meta, passando pelo cacique de Guatavita e chegando ao Império da Guiana, o mito doradista criou raízes no imaginário europeu sobre o Novo Mundo, mobilizando a exploração das terras distantes dos centros coloniais da América do Sul. Se considerarmos os conceitos trabalhados por Reinhart Koselleck, é possível afirmar, portanto, que a expansão do campo de experiências dos europeus – a conquista e a exploração – não causou desilusão nem em uma quebra no horizonte de expectativas – o maravilhoso –, na medida em que a experiência empírica de cada expedicionário alimentava o mito ao invés de apagá-lo.⁴

O relato de Raleigh destaca-se não apenas pela narrativa fantasiosa, mas por servir de referência para as primeiras representações iconográficas e cartográficas do Eldorado na Europa. Ainda que as expedições em busca da lenda tenham rareado a partir do início do século XVII, o mito doradista continuou presente na mentalidade europeia por meio dos mapas, que figuraram Manoa e o lago mítico até meados do século XIX.

O primeiro mapa conhecido que retrata o Eldorado é de autoria do próprio Raleigh, que copiou um esboço de Antonio de Berrío e o divulgou sob seu nome.⁵ A carta geográfica não acompanha o *The Discoverie* e, diferentemente do relato escrito,

⁴ De acordo com Koselleck, o “campo de experiências” pode ser definido como “passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados”, enquanto o “horizonte de expectativas”, associado ao que ainda não se experimentou, é construído por elementos como “esperança e medo, desejo e vontade, a inquietude, mas também a análise racional, a visão receptiva ou a curiosidade”. Ambas as categorias são utilizadas pelo autor para pensar as experiências históricas de determinado sujeito, grupo ou sociedade ao longo do tempo (KOSELLECK, 2006, pp. 309-310).

⁵ O mapa de Raleigh pode ser acessado na coleção digital da Yale University por meio do link: <<https://collections.library.yale.edu/catalog/2054184>>. Acesso em 01 out. 2021.

não foi utilizada por cartógrafos subsequentes, como o holandês Jodocus Hondius, que produziu um mapa da Guiana com base no escrito do corsário. Datado de 1598, o mapa de Hondius (imagem 1) faz algumas referências a Raleigh e às maravilhas citadas por ele, como um *ewaipanoma* (descabeçado) e uma guerreira amazona – outros mitos amazônicos da época. No centro do mapa, há um lago de grandes proporções que recebe os nomes de “Parime” e “Foponowini”. Manoa, na margem norte, é indicada com algumas construções.



Imagem 1: Jodocus Hondius, *Nieuwe caerte van het wonderbaer ende goudrijcke landt Guiana...* [Nova carta da maravilhosa e rica em ouro Guiana...], Amsterdã, 1598. Fonte: Gallica.

Nas décadas posteriores, a *Nieuwe caerte* de Hondius serviria como referência para outros cartógrafos produzirem mapas da América do Sul, da Amazônia ou da Guiana. Manoa e o lago apareceram em planisférios e cartas geográficas com diferentes formatos e iconografias, que, apesar de variadas, apresentam elementos em

comum: a cidade de Manoa é quase sempre indicada às margens de um grande lago. Chamado de “Parime”, este lago era comumente figurado com formato retangular ou alongado e era cortado pela linha equinocial.

Temos como exemplo disso o mapa da Guiana do holandês Joannes de Laet, confeccionado em 1625 (imagem 2). Além do lago Parime e de Manoa, De Laet inseriu uma cadeia de montanhas que separa o Império do Eldorado e a bacia do Orinoco, inferindo o isolamento e o desconhecimento daqueles territórios pelos europeus. A representação do mito doradista feita pelo cartógrafo holandês seria copiada por cartógrafos subsequentes, que reproduzem o Parime com o mesmo formato retangular, como Nicolas Sanson (1650 e 1656), William Berry (1680), Alexis-Hubert Jaillot (1696), entre outros.

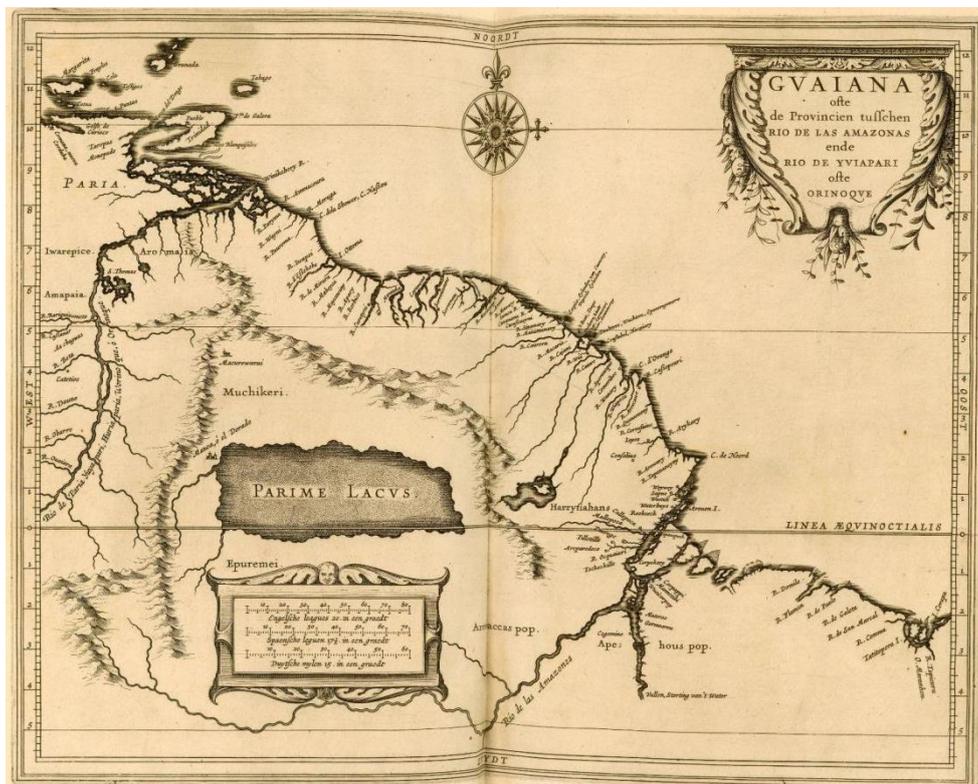


Imagem 2: Joannes de Laet, *Gvaiana oste de Provincien tusschen Rio de las Amazonas ende Rio de Yviapari oste Orinoque* [Guiana ou Província entre o Rio das Amazonas e Rio de Huyapari ou Orinoco], Leiden, 1625. Fonte: John Carter Brown Library.

É interessante notar como, ainda que passado o primeiro momento de conquista da América, na primeira metade do século XVI, o *topos* da América como espaço de riquezas minerais e impérios grandiosos continuou marcando a mentalidade europeia. Os mapas contribuíram para essa permanência, sustentando a crença no Eldorado por considerável período de tempo. Podemos, portanto, afirmar que, com o tempo, convencionou-se uma “tradição cartográfica” de figuração do Eldorado na cartografia da América do Sul, um fenômeno próprio da cartografia especulativa que atravessou a modernidade e que normalizou a presença de mitos nos mapas.

O Eldorado e as expedições naturalistas à Amazônia

Tal “tradição cartográfica” não se manteve inalterada ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX. Com a expansão das fronteiras coloniais, novas preocupações motivavam a ação colonizadora dos europeus e, conforme as mudanças na mentalidade europeia operavam novas formas de produzir conhecimento, o maravilhoso do continente americano passou por transformações, reinterpretações e questionamentos. No caso do Eldorado, isso se verifica em mapas produzidos por cartógrafos que, ao invés de figurarem o lago Parime e Manoa, inserem outras iconografias e topônimos que indicam dúvida, incerteza ou descrença no mito doradista.

Um exemplo de tais mudanças é o mapa da América do Sul do francês Guillaume Delisle, datado de 1705 (imagem 3). Na região da Guiana onde normalmente seria situado o lago dourado, o cartógrafo insere uma legenda: “*Guiane proprement dite ou Dorade dans la quelle quelquesuns mettent le Lac Parime*” (“Guiana propriamente dita ou Dorade em que alguns situam o Lago Parime”). No mesmo território, há a indicação de Manoa, que aparece com o topônimo “*Manoa selon les sauvages*” (“Manoa segundo os

selvagens”):

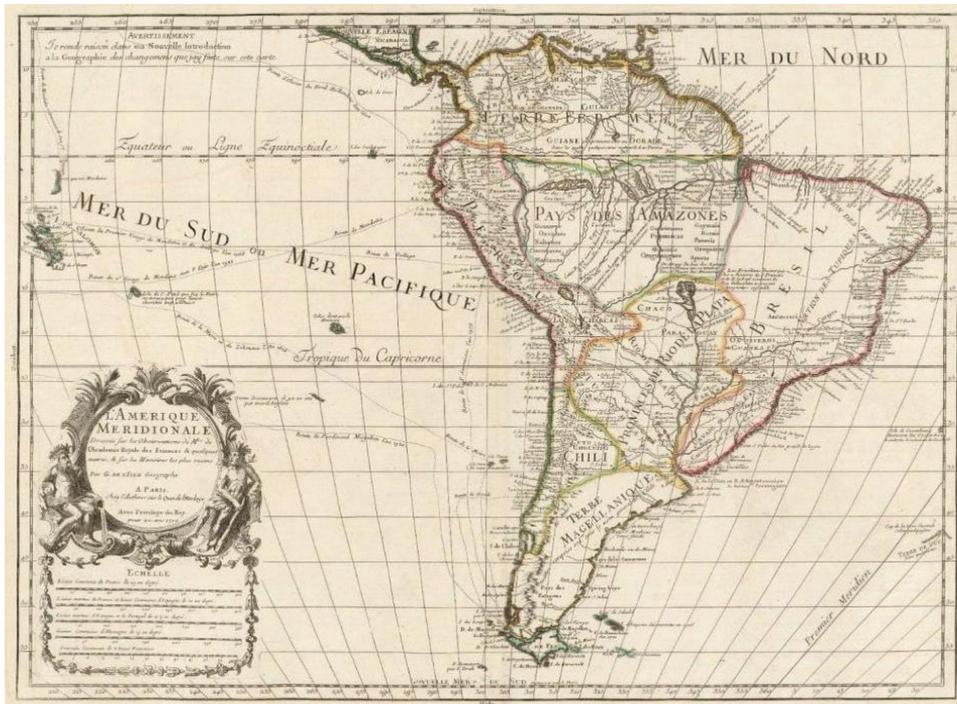


Imagem 3: Guillaume Delisle, *L'Amérique Meridionale* [A América Meridional], Paris, 1705. Fonte: David Rumsey Map Collection.



Imagem 3.1: detalhe do mapa de Delisle.

O cartógrafo, ao inserir o nome “Dorade” e indicar a localização de Manoa, figura uma Guiana que ainda carrega elementos maravilhosos. Contudo, Delisle possui uma postura diferente à de cartógrafos anteriores ao não figurar o lago Parime e creditar a sua existência a “alguns”. A cidade dourada também é apresentada como sendo um marco geográfico cuja veracidade é dada pelos “selvagens”, e não pelo próprio

cartógrafo. De todo modo, outro mito geográfico, o lago Xarayes (no atual Pantanal), é indicado sem questionamentos.⁶

O mapa de Delisle integra um conjunto de mapas produzidos no final do século XVII e no início do século XVIII que deixam de figurar o Eldorado como um marco geográfico real, mas que ainda fazem alguma referência ao mito, seja para expressar dúvida, seja para expressar descrença – outros exemplos são as cartas de Vincenzo Coronelli (1693) e Nicolas de Fer (1703 e 1719). Estes mapas podem demonstrar que a visão de um grande império dourado começava a perder força no imaginário europeu após um século de especulações cartográficas sobre o interior da Guiana, bem como podem indicar que a figuração de uma localidade mirífica já não era consenso entre os cartógrafos europeus. O que levou tais cartógrafos a começarem a abandonar a figuração do Eldorado e, mesmo assim, continuarem fazendo referências à lenda, externando suas dúvidas em seus próprios mapas?

Para buscar explicações para essas mudanças, há de se considerar os debates e novas formas de pensamento trazidas com o que hoje chamamos de ciência moderna e com a Ilustração. Com o destaque dado ao empirismo e à experiência como principais formas de produção de conhecimento científico, as notícias de grandes impérios dourados passaram, cada vez mais, a ser vistas com ceticismo, sendo interpretadas como rumores exagerados de indígenas ou como ilusões de exploradores ávidos pela possibilidade de enriquecimento rápido.

Tais transformações também vieram acompanhadas de um novo interesse dos

⁶ O mito da laguna Xarayes compartilha muitas semelhanças com o Eldorado amazônico. Ambos se referem a lagoas ricas em metais preciosos e figuraram na cartografia europeia da América do Sul. Sobre esta lenda, ver COSTA, 2007.

A lenda do Eldorado

européus pelas regiões ainda pouco conhecidas do continente americano. A partir da segunda metade do século XVII, e com maior força no século XVIII, naturalistas e ilustrados apresentavam uma disposição para realizar expedições pelo Novo Mundo para mapear territórios desconhecidos, conhecer e catalogar espécies da fauna e flora nativas e descrever as sociedades indígenas que habitavam tais regiões.⁷ Conjuntamente a isso, tais exploradores tinham o objetivo de verificar a veracidade de certos mitos do maravilhoso americano, buscando descobrir se tais lendas realmente existiam ou teriam existido no passado:

Para a comunidade científica europeia, o período entre 1730 e 1740 foi marcado por uma ética de exatidão e uma profunda transformação nas práticas de medição. Respondendo à imensa variabilidade de dados experimentais que eram registrados com o uso de instrumentos, os naturalistas do século XVIII procuraram criar “ordem” e “uniformidade” empíricas como parte de um sistema maior de expansão geográfica e uma apropriação material e intelectual do mundo (SAFIER, 2008, p. 90).⁸

A região das bacias orinoquenha e amazônica, onde há uma cadeia de montanhas e onde acreditava-se estar o Eldorado, tornou-se objeto de interesse por parte de tais naturalistas. Um exemplo é Charles-Marie de la Condamine (1701-1774). Integrante dos círculos ilustrados de Paris e próximo de Voltaire, o francês era membro da *Académie Royale des Sciences* e já havia realizado uma expedição científica ao Levante. Em 1735, juntou-se a uma expedição francesa ao Equador iniciada em 1735

⁷ No século XVIII, tais expedições naturalistas ao continente americano caminharam juntas com novos esforços de ocupação europeia dos territórios afastados dos centros coloniais (como era o caso da Amazônia), resultando na reconfiguração das fronteiras coloniais por meio de tratados como de Madri (1750) e Santo Ildefonso (1777). Isso contribuiu para que o Eldorado continuasse figurando na cartografia. Sobre o assunto, ver FURTADO, 2020.

⁸ No original: “For the European scientific community, the period between 1730 and 1740 was marked by an ethic of exactitude and a profound transformation in the practices of measurement. Responding to the immense variability of experimental data they were recording with instruments, eighteenth-century natural scientists sought to create empirical ‘order’ and ‘uniformity’ as part of a larger system of geographic expansion and a material and intellectual appropriation of the world” (tradução nossa).

que tinha como objetivo determinar o formato exato do globo terrestre. Na viagem de retorno, La Condamine decidiu fazer a rota de descida do rio Amazonas, indo do Peru ao Atlântico entre 1743 e 1744, e, já na Europa, publicou em 1745 seu relato da viagem intitulado *Relation abrégée d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique méridionale* ("Breve relato de uma viagem ao interior da América do Sul"). A relação de La Condamine consiste em um testemunho em primeira pessoa sobre episódios da viagem pela bacia amazônica mesclado com informações sobre a geografia e hidrografia da região, costumes e crenças indígenas e medições astronômicas.

Em seu relato, o naturalista apresenta-se como um desmistificador de lendas e imprecisões que existiriam no conjunto de conhecimentos dos europeus sobre a Amazônia. La Condamine argumenta que a última obra confiável que trata da região teria sido o *Nuevo descubrimiento del gran Río de las Amazonas* (1641), de Cristóbal de Acuña – extensivamente citado pelo francês –, e que desde então poucos autores e cartógrafos teriam produzido trabalhos confiáveis sobre a bacia amazônica. A *Relation abrégée*, portanto, teria sido escrita com o objetivo de preencher esse vácuo de informações, visto que La Condamine se promovia como alguém disposto a corrigir erros e descrever a Amazônia do modo mais preciso possível (SAFIER, 2008, pp. 67-68).

Ainda que faça uma crítica a seus antecessores, La Condamine usou de um extenso conjunto de mapas, tratados de jesuítas, documentação epistolária e relatos de indígenas e negros escravizados para agregar conhecimento a seu relato. Muitas vezes, tais fontes foram omitidas para que se entendesse que determinada informação teria sido obtida pela própria experiência e observação do naturalista – uma estratégia retórica comum aos autores da modernidade. Possíveis razões para isso são discutidas por Furtado:

A lenda do Eldorado

Filtrar as notícias oriundas dos informantes encontrados pelo caminho era um desafio para esses viajantes, pois o tempo da viagem não lhes permitia uma visita pessoal a todos os locais de interesse. Ainda que o empirismo devesse guiar o conhecimento a ser produzido segundo o racionalismo iluminista, o que se observa é que, como no caso de La Condamine, devido à vastidão do território, muitos exploradores tiveram que se valer não apenas do *ver*, mas também do *ouvir* dizer (FURTADO, 2020, p. 18).

Para acompanhar a *Relation abrégée*, La Condamine produziu um mapa do curso do Amazonas, com o nome de *Carte du Cours du Maragnon ou de la Grande Rivière des Amazones* (“Carta do curso do Maragnon ou do Grande Rio das Amazonas”) (imagem 4). A preocupação do francês em apresentar as informações sobre a geografia local mais exatas possíveis se estendeu a este mapa, bem como a crítica a cartógrafos anteriores – como é possível perceber, La Condamine insere, em linha pontilhada, o curso do rio Amazonas segundo um mapa do jesuíta Samuel Fritz (1707), contra quem o naturalista dirige numerosas críticas no relato.



Imagem 4: Charles-Marie de la Condamine, *Carte du Cours du Maragnon ou de la Grande Rivière des Amazones...* [Carta do Curso do Maragnon ou do Grande Rio das Amazonas...], Paris, 1745. Fonte: Biblioteca Digital de Cartografia Histórica da Universidade de São Paulo.

Ao atentarmos para a região da Guiana, também percebemos que La Condamine não figura o lago Parime nem Manoa. Nos territórios onde normalmente estaria

situado o Eldorado, vemos um conjunto de rios (Parima, Maho, Purara e Tacutu) que formam o rio Branco, enquanto ao norte está a nascente do rio Rupununi. Um pequeno lago não nomeado foi posicionado entre os cursos d'água. A ausência do mito doradista pode ser explicada pelo fato de La Condamine, em seu relato, negar a existência da cidade e lago dourados. Em seu escrito, o naturalista comenta ter ouvido dos indígenas manaus (ou manaós) sobre um suposto lago chamado Marahi que se comunicaria com o rio Negro e que seria o lago descrito por Acuña em sua relação. A *Relation abrégée* dá a entender, portanto, que teria sido o lago Marahi, que não tem atributos maravilhosos, a origem dos rumores sobre o Eldorado:

Vê-se na carta do Pe. Fritz uma grande povoação manaus na mesma região; ele a denomina Jenefiti. Não pude obter dela notícias positivas, o que não tem nada de extraordinário, desde que a nação dos manaus foi transplantada e dispersada: mas é muito possível que da capital dos manaus se haja forjado a cidade de Manoa. Não me detenho em querer ver em Maraí, ou Paraí, a etimologia de Parima. Eu me atenho aos fatos. Os manaus tiveram neste cantão uma população considerável; eles eram vizinhos dum grande lago, e até de muitos lagos grandes, muito vulgares em países baixos, sujeitos a inundações. Os manaus garimpavam o ouro do Iquiari, e dele faziam pequenas palhetas. Eis aí fatos verdadeiros, que puderam, graças a exagerações, dar motivo à fábula da cidade de Manoa, e do lago Dourado (LA CONDAMINE, 2000 [1745], pp. 92-93).

Além disso, La Condamine infere que os rumores sobre o lago dourado teriam sido estimulados e disseminados pelo anseio dos conquistadores espanhóis em encontrar ouro e pelos indígenas da região, que, no entendimento do naturalista, teriam uma predisposição para a dissimulação e a mentira:

[...] não se pode negar que por um lado a avidez e a preocupação dos europeus, que queriam por tudo achar o que buscavam, e por outro o gênio mentiroso e exagerador dos índios, interessados em afastar hóspedes incômodos, tenham podido facilmente aproximar objetos tão distantes na aparência, alterá-los e desfigurá-los, a ponto de torná-los irreconhecíveis (LA CONDAMINE, 2000 [1745], p. 93).

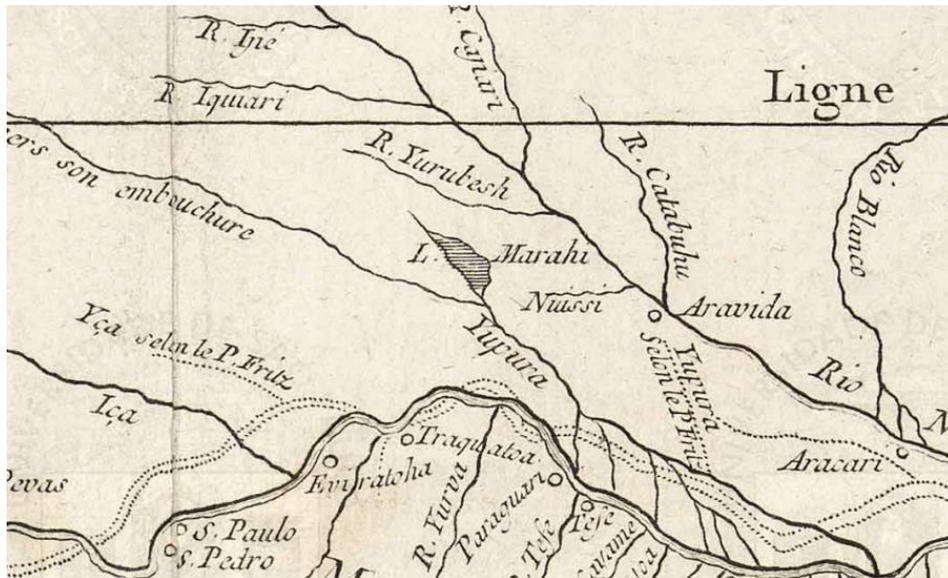


Imagem 4.1: detalhe do lago Marahi. Abaixo, vê-se o curso do rio Amazonas e, em linha pontilhada, o desenho de Samuel Fritz reproduzido por La Condamine.

É interessante notar como La Condamine nega a existência do Eldorado ao afirmar que Manoa e o lago Parime seriam localidades imaginárias, mas atribui as raízes do mito ao lago Marahi, que também é fictício. É também pertinente comentar que o naturalista adota uma posição ambígua com relação a outras lendas do maravilhoso americano: enquanto o mito doradista é relegado à fábula, as guerreiras amazonas são consideradas pelo autor como uma história factível. Apesar de não conseguir reunir informações suficientes para confirmar sua hipótese, La Condamine afirma, na *Relation abrégée*, que as amazonas teriam provavelmente habitado a bacia amazônica no passado, organizando-se em comunidades de mulheres nas regiões afastadas dos rios para fugirem da opressão de seus maridos:

[...] Contento-me de assinalar que se alguma vez pôde haver amazonas no mundo, isso foi na América, onde a vida errante das esposas que acompanham os maridos à guerra, e que não são mais felizes no lar, lhes deve ter feito nascer a ideia e ocasião frequente de se furtarem ao jugo dos tiranos, buscando fazer para si um estabelecimento onde pudessem viver na independência, e pelo menos não serem reduzidas à condição de escravas e bestas de carga (LA CONDAMINE, 2000 [1745], p. 84).

Outro naturalista que, viajando pela Amazônia, buscou explicações para o

Eldorado foi Alexander von Humboldt (1769-1859). Com sólida formação científica, o prussiano era especializado em botânica e já havia publicado tratados sobre o assunto. Na década de 1790, Humboldt começou a organizar sua primeira expedição científica para fora da Europa, com destino às possessões castelhanas do continente americano. Obtendo autorização das autoridades de Madri, o prussiano viajou pela América Espanhola entre 1799 e 1804, passando pela Venezuela, Andes, Nova Espanha e Cuba, finalizando a jornada nos Estados Unidos. Após seu retorno à Europa, Humboldt teve seu relato de viagem publicado em uma série de volumes entre 1816 e 1826, alcançando grande popularidade e sendo admitido em diversas sociedades científicas, como a Academia Prussiana de Ciências e a *Royal Society of London*.⁹

Ao explorar as porções setentrionais da América do Sul, o naturalista navegou pela bacia orinoquenha com o objetivo de descobrir uma possível conexão hidrográfica entre esta bacia e o rio Amazonas. Em seu escrito, o autor critica La Condamine por ter tomado fontes duvidosas de informação como verdadeiras, o que teria feito o francês reproduzir imprecisões e especulações sobre os espaços amazônicos (SAFIER, 2008, p. 60). E, ao tratar do Eldorado, Humboldt difere do naturalista francês por pensar a cidade dourada como uma lenda em suas múltiplas facetas, considerando o cacique de Guatavita, o lago Parime e a cidade de Manoa como diferentes versões de uma mesma história:

A ideia de uma terra aurífera, eminentemente rica, tem sido conectada, desde o final do século XVI, com a ideia de um grande lago interior, que fornece ao mesmo tempo água para o Orinoco, o Rio Branco e o Rio Essequibo. Eu acredito, partindo de um conhecimento mais acurado da região, de um longo e laborioso

⁹ A primeira edição do relato de Humboldt foi publicada na França, com o título *Voyage aux régions équinoxiales du nouveau continent...* ("Viagem às regiões equinociais do novo continente..."). O escrito foi traduzido para outras línguas e reeditado sucessivamente. Aqui, recorreremos à uma tradução inglesa publicada em 1908 em Londres, composta por três volumes.

A lenda do Eldorado

estudo dos autores espanhóis que trataram do El Dorado, e, acima de tudo, da comparação de um grande número de mapas antigos, arranjados em ordem cronológica, que tive sucesso em descobrir a origem de tais erros. Todas as fábulas têm algum fundamento real; a fábula do El Dorado assemelha-se àqueles mitos da Antiguidade, que, viajando de país para país, foram sucessivamente adaptados para diferentes localidades (HUMBOLDT, 1908, p. 20).¹⁰

Em seu relato, o prussiano também nega categoricamente a existência do lago Parime, explicando que as próprias características da hidrografia da região poderiam ter sido confundidas com um lago de enormes proporções:

É a aparência das rochas micáceas do Ucucuamo, o nome do Rio Parima, as inundações dos rios Urariapara, Parima, e Xurumu, e mais especialmente a existência do lago Amucu (próximo ao Rio Rupunuwini, e considerado como a principal fonte do Rio Parima), que deram origem à fábula do Mar Branco e do Dorado do Parima (HUMBOLDT, 1908, p. 26).¹¹

La Condamine e Humboldt são exemplos de como os europeus ilustrados, ao lidarem com mitos como o Eldorado, produziram diferentes interpretações para explicar o maravilhoso do continente americano. Ambos os naturalistas partem do pensamento empiricista e cientificista para tomarem posturas diversas – seja o lago Marahi de La Condamine (um lago imaginário, mas sem riquezas), seja as teses de Humboldt sobre os elementos reais que formam as lendas e sobre a hidrografia da região. Fica também claro como esta variedade de perspectivas sobre Parime e Manoa

¹⁰ No original: “The idea of an auriferous earth, eminently rich, has been connected, ever since the end of the sixteenth century, with that of a great inland lake, which furnishes at the same time waters to the Orinoco, the Rio Branco and the Rio Essequibo. I believe, from a more accurate knowledge of the country, a long and laborious study of the Spanish authors who treat of El Dorado, and, above all, from comparing a great number of ancient maps, arranged in chronological order, I have succeeded in discovering the source of these errors. All fables have some real foundation; that of El Dorado resembles those myths of antiquity, which, travelling from country to country, have been successively adapted to different localities” (tradução nossa).

¹¹ No original: “It is the appearance of the micaceous rocks of the Ucucuamo, the name of the Rio Parima, the inundations of the rivers Urariapara, Parima, and Xurumu, and more especially the existence of the lake Amucu (near the Rio Rupunuwini, and regarded as the principal source of the Rio Parima), which have given rise to the fable of the White Sea and the Dorado of Parima” (tradução nossa).

fazem com que o mito doradista continue presente na mentalidade europeia, o que reflete uma característica própria do pensamento ilustrado: a utilização de procedimentos e técnicas de produção e categorização de conhecimentos que uniam *ciência e mito* (SAFIER, 2008, p. 90).

A permanência do Eldorado na cartografia

Tais transformações no imaginário europeu, ainda que tenham impactado a crença no Eldorado, não resultaram no completo apagamento deste mito nos mapas. Provavelmente como vestígio da “tradição cartográfica” de figuração da lenda, a presença do Eldorado nas cartas geográficas estendeu-se até meados do século XIX. Mesmo que o tamanho do lago dourado tenha diminuído consideravelmente, cartógrafos inseriram o lago Parime como se fosse um marco geográfico real, que teria recebido atributos miríficos no passado. Exemplos são os mapas de Francisco Requeña (1796), Rigobert Bonne (1780), John Cary (1807), Samuel Lewis (1810), David Burr (1834), entre outros.

Temos como exemplo desse cenário o mapa da América do Sul do cartógrafo inglês William Faden, de 1806 (imagem 5). Intitulado *Colombia Prima or South America...*, o mapa consiste numa versão “atualizada” de um mapa feito pelo espanhol Juan de la Cruz Cano y Olmedilla, de 1775, ao qual Faden teve acesso por meio de Thomas Jefferson, na época embaixador estadunidense em Paris.¹² O inglês confeccionou seu mapa em oito folhas, e, para complementar as informações que obteve de Cruz Cano,

¹² O mapa de Cruz Cano y Olmedilla pode ser acessado no acervo da Biblioteca Digital Luso-Brasileira por meio do link: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/cart485821/cart485821.html. Acesso em 01 out. 2021.

Faden lista uma série de referências complementares abaixo do cartucho do mapa – como o relato de La Condamine.

Ao figurar o Parime, o cartógrafo delineou um formato mais arredondado e situou o lago em uma região montanhosa, próxima à Guiana Francesa e mais a oeste do que se costumava posicionar. O lago fictício é abastecido por vários rios, comunica-se com o Orinoco e Amazonas e recebe a legenda *“Golden Lake or lake Parime called likewise Parapitinga i.e. White Sea”* (“Lago Dourado ou lago Parime também chamado Parapitinga isto é Mar Branco”). Dentro do lago, há a explicação *“on the banks of which the discov. of the 16th century did place the Imaginary City of Manoa del Dorado”* (“em cujas margens os descobridores do século XVI situaram a Cidade Imaginária de Manoa del Dorado”).



Imagem 5: William Faden, *Colombia Prima or South America...* [Colombia Prima ou América do Sul...], Londres, 1807. Fonte: David Rumsey Map Collection.

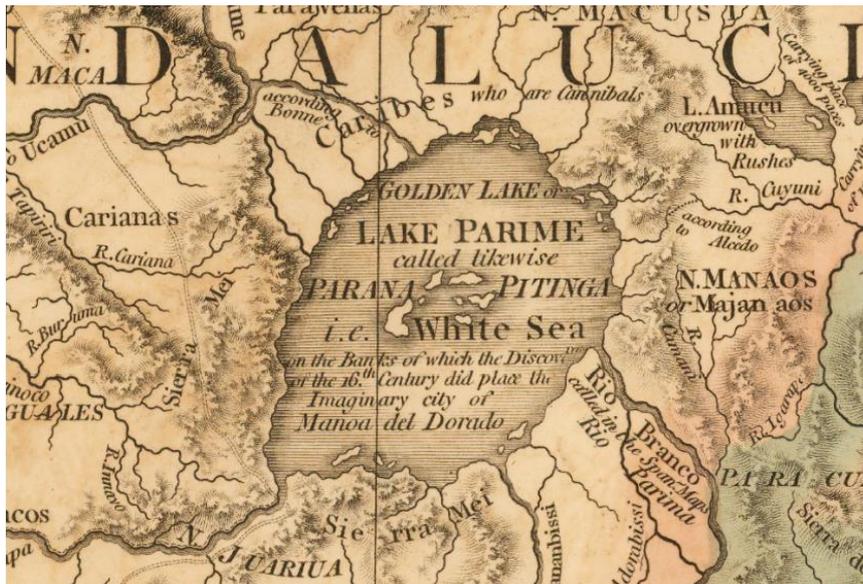


Imagem 5.1: Detalhe do lago Parime no mapa de Faden.

É possível perceber como Faden “desmembra” o mito doradista ao separar o lago Parime (entendido como um lago real) e o Eldorado (um mito dos conquistadores do século XVI). O que também se observa é que, nos territórios a leste, os rios rareiam e os poucos topônimos se resumem a indicações, espalhadas nas serras da região, de minas de ouro, prata e ferro, e um pequeno lago com o contorno tracejado.



Imagem 5.2: Detalhe do interior da Guiana, com as indicações de minas e o suposto lago.

A legenda – “*According to the Indians*” (“De acordo com os Índios”) – não dá pistas para identificar se este pequeno lago tenha alguma relação com o Eldorado. Contudo, ela remete à tese de La Condamine de que o Parime seria fruto de informantes indígenas cujos rumores haviam sido aumentados pelos espanhóis no século XVI.

Outro exemplo é o mapa da foz do rio Amazonas produzido pelo padre franciscano Tomás de Alcántara em 1822 (imagem 6). Oriundo de Bilbao, Espanha, Alcántara vivia desde 1807 em missões na região do rio Ucayali, no Peru, e confeccionou dois mapas manuscritos da bacia amazônica, frutos de suas viagens pela região. O primeiro mapa, das nascentes do Amazonas, apresenta mais detalhes e informações sobre o território, e, embora ambos apresentem indicações de missões e da hidrografia das respectivas áreas representadas, a escala não é precisa.¹³

Além disso, em ambos os mapas, as regiões mais afastadas da bacia amazônica carecem de topônimos. Isso explica o fato de, no mapa da foz do Amazonas, a malha hidrográfica da Guiana, no canto superior esquerdo, não ser desenhada com todos os rios. O que se destaca nos territórios ao norte do rio Amazonas são quatro lagos: o lago Parime, com tamanho diminuto, próximo a dois pequenos lagos sem identificação. Um pouco mais afastada está a indicação do outro lago, disforme, mas relativamente grande, denominado de “*Lo Mar Dorado*”.

¹³ O mapa da porção oeste da bacia amazônica feito por Alcántara pode ser acessado no acervo da Biblioteca Virtual del Patrimonio Bibliográfico por meio do link: <<https://bvpb.mcu.es/es/consulta/registro.do?id=423114>>. Acesso em 01 fev. 2022.



Imagem 6: Tomás de Alcántara, [Mapa da desembocadura do rio Amazonas], 1822. Fonte: Biblioteca Virtual del Patrimonio Bibliográfico.

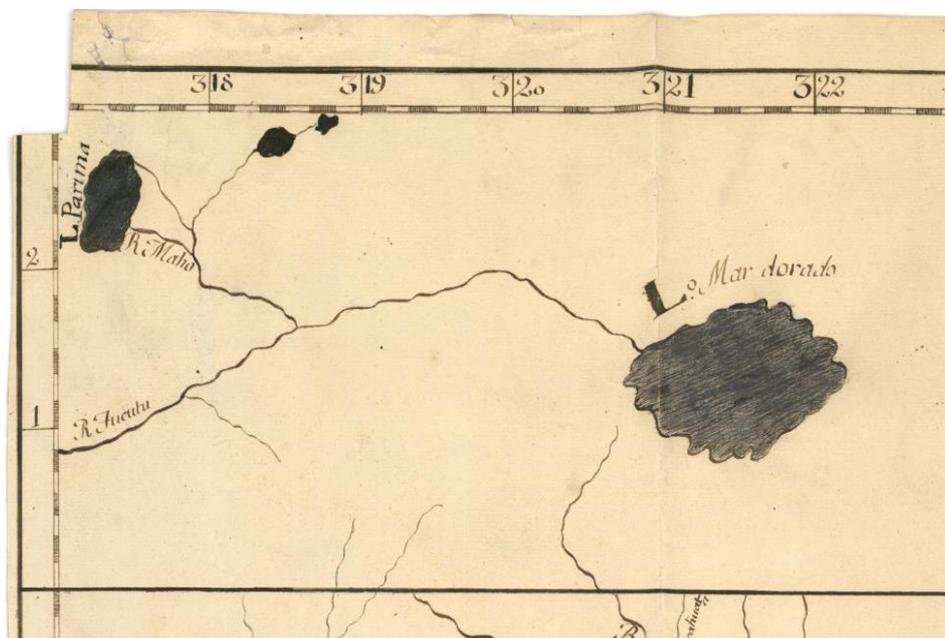


Imagem 6.1: Detalhe do lago Parime e do "Lo Mar dorado" no mapa de Alcántara.

Enquanto Alcántara se aproxima de Faden ao figurar o lago Parime como um lago real, sem elementos maravilhosos, o franciscano apresenta uma divergência ao

inserir o Eldorado um pouco mais a leste, mesmo que na forma de um lago com margens indefinidas. O que o espanhol pode nos informar é que, mesmo não indicando a localização exata nem o formato do lago, certamente suas grandes proporções autorizam o autor a chamá-lo de “mar”.

Considerações finais

Pensando numa perspectiva de longa duração, percebemos como as mudanças de mentalidade na Europa transformaram a crença no mito doradista: enquanto nos séculos XVI e XVII o lago Parime e Manoa eram vistos como marcos geográficos reais, nos séculos XVIII e XIX o Eldorado ainda permanece no imaginário, não como notícia de um império opulento, mas como um mito que ainda é acreditado por alguns (como Alcántara). Nesse processo de transformação, o lago Parime descolou-se do Eldorado, visto que Manoa, seus edifícios de ouro e seu cacique dourado desapareceram dos mapas, enquanto o Parime continuou sendo considerado uma localidade como qualquer outra, que teria recebido atributos fantasiosos no passado.

É interessante notar como os naturalistas operaram uma diferenciação entre o que é *desconhecido* (o lago Parime) e o que é *imaginário* (o Eldorado). Entendendo que o que não se conhecia empiricamente não seria necessariamente mítico, os cartógrafos gradualmente transformaram a figuração do Eldorado, perpetuando a influência da cartografia especulativa nos vazios dos mapas.

Esse cenário, em certa medida, vai de encontro o que afirma Guillermo Giucci sobre a ideia da experiência empírica dos exploradores no Novo Mundo limitar a influência do maravilhoso no imaginário europeu ainda no século XVI. Como argumenta o autor,

Por volta de 1570 o continente americano está basicamente dominado: rotas marítimas exploradas, grandes impérios derrotados, tesouros fundidos, culturas autóctones arrasadas. Sobrevivem algumas expedições conquistadoras que, movidas por visões residuais de riquezas e terras auríferas, atestam que o mirífico americano, como uma extinta estrela emissora de raios moribundos, arrasta o andaime dos encantos com penalidades. O relato do maravilhoso, outrora fonte de desejo, passa na América pelo crivo da experiência pessoal e metamorfoseia-se numa história paralela opaca que mina a legitimidade desse relato. E o conhecido binômio remoto/maravilhas se desmorona. É suplantado pela ordem colonial, a organização do sistema de trabalho e político, a exploração mineradora, o tráfico negreiro, a mestiçagem e a sociedade estamental, a produção agrícola e pecuária (GIUCCI, 1992, p. 238).

Apesar dos mitos do continente americano terem sim surgido, em sua maioria, nos processos de conquista do século XVI – as guerreiras amazonas, os gigantes patagões, a laguna Xarayes, o próprio Eldorado, entre outros –, percebe-se que as expedições em busca da cidade dourada, ainda que fracassadas em seu intento, *corroboravam* a crença no mito doradista. Isso se estenderia ao longo da modernidade a partir do momento em que o Eldorado passou a ser inserido nos mapas da América do Sul. Portanto, a longevidade da presença deste mito na cartografia serve como exemplo de como o maravilhoso exerceu sua influência no imaginário por considerável período de tempo, influência esta que só passaria por mudanças quando a mentalidade europeia se transformou com novas formas de pensamento.

Fontes manuscritas

HUMBOLDT, Alexander von. **Personal narrative of travels to the equinoctial regions of America during the years 1799-1804, volume 3**. Londres: George Bell & Sons, 1908. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/gu007254.pdf>>. Acesso em 01 out. 2021.

LA CONDAMINE, Charles-Marie de. **Viagem na América Meridional descendo o Rio das Amazonas**. Brasília: Editora do Senado Federal, 2000 [1745].

RALEIGH, Walter. **A descoberta do grande, rico e belo Império da Guiana**. Tradução

de Eduardo San Martin. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2002 [1596].

Referências bibliográficas

COSTA, Maria de Fátima. De Xarayes ao Pantanal: a cartografia de um mito geográfico. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, São Paulo, n. 45, pp. 21-36, 2007.

CRUZ NETO, Raimundo Marques da. **Em busca das províncias grandiosas**: as entradas espanholas quinhentistas na fronteira oriental dos Andes centrais (1538-1561). Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

DORÉ, Andréa Carla. **Cartografia da promessa**: Potosí e o Brasil em um continente chamado Peruana. São Paulo: Intermeios, 2020.

EDNEY, Matthew H. Teoria e história da cartografia. **Revista Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 39, pp. 209-220, jan./jun. 2016.

FERNANDES, Luiz Estevam de Oliveira; GOMES, Wederson de Souza. Crônicas do El Dorado: uma análise dos relatos dos cronistas espanhóis sobre uma terra de riquezas fabulosas na América do Sul (1536-1542). **Revista Mosaico**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 10, pp. 77-95, 2016.

FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. Maps and Exploration in the Sixteenth and Early Seventeenth Centuries. In: WOODWARD, David (ed.). **Cartography in the European Renaissance, v. 3**. Chicago, Londres: University of Chicago Press, 2007.

FURTADO, Junia Ferreira. O paraíso amazônico e seus mitos cartográficos. **Terra Brasilis (nova série)**, v. 14, pp. 1-26, dez. 2020.

GIUCCI, Guillermo. **Viajantes do maravilhoso**: o Novo Mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GOMES, Plínio Freire. O Amazonas e o Prata na mitogeografia da América. **Revista Topoi**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, pp. 41-61, 2001.

GOODMAN, Edward J. The search for the mythical Lake Parima. **Terrae Incognitae**, v. 7, n. 1, pp. 23-30, 1975.

GREENBLATT, Stephen. **Possessões Maravilhosas**: o deslumbramento do Novo Mundo. São Paulo: Edusp, 1996.

HARLEY, John Brian. **La nueva naturaleza de los mapas:** Ensayos sobre la historia de la cartografía. Compilação de Paul Laxton. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2005.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Visão do Paraíso:** os motivos edênicos do descobrimento e colonização do Brasil. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000 [1959].

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado.** Contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução de Wilma Maas e Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto; Editora da PUC-Rio, 2006.

LANGER, Johnni. O mito do Eldorado: origem e significado no imaginário sul-americano (século XVI). **Revista de História da USP**, São Paulo, n. 136, pp. 25-40, 1997.

LEVILLIER, Roberto. **El Paititi, el Dorado y las Amazonas.** Buenos Aires: Emecé Editores, 1976.

MATOS, Maria Izilda S. de. Viagens pelo Rio das Amazonas. **Estudos Ibero-Americanos**, Porto Alegre, v. 38, n. supl., pp. 189-198, 2012.

PORRO, Jesús María. Un mito geográfico de larga tradición: la perduración cartográfica de la laguna Parime. **Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, v. 18, n. 1032, jul. 2013. Disponível em: <<http://www.ub.edu/geocrit/b3w-1032.htm>>. Acesso em 30 set. 2021.

SAFIER, Neil. **Measuring the New World:** Enlightenment Science and South America. Chicago, Londres: University of Chicago Press, 2008.

Imagens

Imagem 1: Jodocus Hondius. **Nieuwe caerte van het wonderbaer ende goudrijcke landt Guiana...**, Amsterdã, 1598. Acervo da Gallica. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b84924380>>. Acesso em 01 out. 2021.

Imagem 2: Joannes de Laet. **Gvaiana oste de Provicien tusschen Rio de las Amazonas ende Rio de Yviapari oste Orinoque**, Leiden, 1625. Acervo da John Carter Brown Library. Disponível em: <<https://jcb.lunaimaging.com/luna/servlet/s/8pbqou>>. Acesso em 01 out. 2021

Imagem 3: Guillaume Delisle. **L’Amerique Meridionale**, Paris, 1705. Acervo da David Rumsey Map Collection. Disponível em:

<<https://www.davidrumsey.com/luna/servlet/s/4pp4oi>>. Acesso em 01 out. 2021.

Imagem 4: Charles-Marie de la Condamine. **Carte du Cours du Maragnon ou de la Grande Rivière des Amazones...**, Paris, 1745. Acervo da Biblioteca Digital de Cartografia Histórica da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.cartografiahistorica.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=14&Itemid=99&idMapa=649>. Acesso em 01 out. 2021.

Imagem 5: William Faden. **Colombia Prima or South America...**, Londres, 1807. Acervo da David Rumsey Map Collection. Disponível em: <<https://www.davidrumsey.com/luna/servlet/s/tnm75j>>. Acesso em 01 out. 2021.

Imagem 6: Tomás de Alcántara. **[Mapa da desembocadura do rio Amazonas]**, 1822. Acervo da Biblioteca Virtual del Patrimonio Bibliográfico. Disponível em: <<https://bvpb.mcu.es/es/consulta/registro.cmd?id=423115>>. Acesso em 01 out. 2021.